

SOCIOLOGIA, EDUCAÇÃO E FAMÍLIA – DESAFIOS E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO¹

Maria Íris da Costa Souza²
Leticia Carvalho Souza³
Gilmar Santana⁴

RESUMO

O processo de aprendizagem possui uma significativa relação com o ambiente familiar no qual o indivíduo está inserido, tendo em vista ser este seu primeiro agente de socialização. Nesse sentido, é importante que sua constituição esteja firmada num um espaço acolhedor e respeitoso, pois isso influenciará num desenvolvimento educativo saudável facilitando sua formação. Para que esse pressuposto realize a construção de conhecimentos, escola, família e estudante, precisam estar em sintonia. Foi buscando investigar essa perspectiva que realizamos uma pesquisa de campo com discentes e docentes do ensino médio na Escola Estadual Jerônimo Gueiros e na Escola Dom Marcolino Dantas na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. Organizamos um questionário pré-estabelecido que respondido por ambos os grupos com questionamentos que surgiram no início e durante a realização do trabalho. Com isso, buscou-se compreender o olhar de discentes acerca do apoio e da participação de familiares na formação escolar, além da compreensão dos docentes sobre a participação familiar no processo de aprendizagem dos estudantes no ambiente escolar. Na sociedade, tem-se a ideia de que a estrutura familiar possui influência direta no comportamento do indivíduo, mas não se considera efetivamente a participação desses atores sociais durante o crescimento e desenvolvimento da formação de crianças e adolescentes, fator que reflete verdadeiramente no processo de construção cognitiva e emocional de educandos. Dessa forma, em geral, estudantes que carecem de apoio familiar na esfera escolar, acabam não apresentando bons desempenhos e percebeu-se que nas exceções a busca por essa ausência proveio de outras partes, como familiares de amigos ou até mesmo, professores. Sobre aspecto, portanto, pretendemos mostrar como o afeto acaba por pertencer a mais um campo do processo cognitivo.

Palavras-chave: Família, Escola, Aprendizagem, Socialização.

¹ Trabalho realizado na disciplina de Introdução a Sociologia, do curso de licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ministrada pelo prof. Dr. Gilmar Santana.

² Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. iris.souza.708@ufrn.edu.br;

³ Graduanda pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. leticia.carvalho.106@ufrn.edu.br;

⁴ Prof. Dr. Gilmar Santana, Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, gilmar.santana@ufrn.br.

INTRODUÇÃO

A família e a escola são importantes instituições que contribuem para a formação e desenvolvimento tanto do indivíduo, quanto do coletivo. Até o final do século XIX, a educação da criança – sobretudo no Brasil – ocorria, principalmente, no ambiente doméstico. A separação dos papéis dessas instituições aconteceu apenas em meados do século XIX, onde discutia-se o encargo do Estado no âmbito da educação. Atualmente, essas entidades exercem responsabilidades complementares no que diz respeito à educação de crianças e jovens.

O ambiente familiar subentende a esfera do universo íntimo, do campo afetivo. No entanto, a ideia do que vem a ser família, suas características e formação é um conceito volátil e mutável no tempo, que acompanha a evolução dos ideais sociais e costumes da sociedade. Sendo assim, é inviável uma configuração fixa do que esta pode vir a ser diante dos processos de mudanças sociais das quais também faz parte. Para além das relações parentais formuladas por Durkheim (2013) circunscritas em laços consanguíneos e jurídicos, simbolicamente a família está ligada ao sentimento de pertencimento, afinidade e sensação de segurança de seus membros.

Para o sociólogo, a educação teria como função substancial transmitir o legado sociocultural de um determinado contexto, conseqüentemente resultando em um processo de socialização que possibilitaria a constituição do que ele denomina de “ser social”. Feita por boa parte da educação - a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios, sejam eles morais, religiosos, éticos ou de comportamento.

Na busca pela compreensão mais ampla desse panorama, desenvolvemos uma pesquisa que pretende mostrar que a estrutura familiar consanguínea por si só, não afeta significativamente o desempenho escolar do estudante, mas sim a participação de personagens responsáveis pela formação educacional em sua vida cotidiana. Nele, deve haver antes de tudo a disponibilidade para que ocorra apoio às necessidades dos educandos, independentemente da existência de algum laço de cunho biológico, favorecendo com que as atividades escolares sejam melhores desempenhadas.

Para verificar esse quadro, nosso enfoque será a instituição pública de ensino. Entretanto, ela não será exclusividade, considerando que também realizamos a pesquisa de campo na instituição privada, para comparar os resultados.

RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Estudos atuais apontam que uma boa parceria entre família e escola tende a melhorar o processo de aprendizagem, conseqüentemente crescendo o desempenho no meio acadêmico. Contribuem também para prevenir problemas de comportamento, de frequência nas aulas, evasão e estimulam a continuidade dos estudos no nível superior.

A aprendizagem básica acontece na instituição familiar, que apresenta costumes, educação e relacionamentos. São justamente as experiências com esse primeiro agente de socialização que moldam os comportamentos da pessoa. Por isso, visando uma formação educacional saudável e afetiva torna-se tão importante a inserção de educandos em um espaço acolhedor e respeitoso. Quando esta inclusão não acontece, o desenvolvimento de indivíduos que apresentam dificuldades em diversas esferas de sua vida, em especial, a escolar, corre riscos.

Para Émile Durkheim (2013), a educação pode ser compreendida como o conjunto de ações exercidas pelas gerações adultas sobre as que ainda não alcançaram o estatuto de maturidade para a vida social. Nesse sentido, ela é considerada um fato social. Isso porque o indivíduo não nasce sabendo previamente as normas de conduta necessárias para a vida em sociedade, esta deve educar os seus membros para que aprendam as diretrizes básicas da organização social. Além disso, ser o meio pelo qual prepara no íntimo das crianças, condições essenciais de suas próprias existências:

Aliás, pode-se confirmar por uma experiência característica essa definição do fato social: basta observar a maneira como são educadas as crianças. Quando se observam os fatos tais como são e tais como sempre foram, salta aos olhos que toda educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente. (DURKHEIM, 2013, p.184).

Desde a infância somos moldados por responsáveis adultos conforme aquilo que a ordem social estabelece – comportamentos sociais, psicológicos e intelectuais -, nesse sentido, Durkheim acredita que a sociedade molda o indivíduo. Entretanto, esses comportamentos não são imutáveis. Com o passar do tempo, eles são adaptados pela própria coletividade e o livre arbítrio de seus atores sociais.

Para nós, desde criança, a sociedade apresenta formas comportamentais dentro de uma socialização sistemática. Estabelece regras de convivência, colocadas por nossos tutores, na tentativa de moldar-nos a um modelo previamente dado. Esses encargos são atribuídos como funções que nos posicionam socialmente, sendo anterior a nossa existência. Somos coagidos mesmo que inconscientemente ou reagindo a elas. Com o passar do tempo, naturalizamos essas

ações. Durkheim vê a educação como a transmissão do legado sociocultural, que resulta no que ele entende por “ser social”.

Este quadro, ainda que panorâmico, permite visualizar tanto o lugar do papel familiar, como o da escola. Nele, a família deveria ser a principal interessada no desenvolvimento do diálogo entre as instituições das quais está inserida, visando um bom desempenho escolar de seus filhos em uma educação de qualidade humana. Mesmo assim, é o corpo docente que parece mais preocupado com o desempenho dos estudantes. No geral, quando eles percebem algum problema, procuram conversar com os responsáveis e desenvolver formas de solução.

A participação familiar na rotina escolar não está ligada somente à sua presença em reunião de pais e mestres. Se relaciona, igualmente, ao oferecimento, disponibilidade e incentivo de ajuda diante das tarefas de casa. Um importante adendo é diferenciar a ajuda das tarefas e fazê-las no lugar da criança. Essa ação integra o processo de continuidade à educação oferecida na escola, entretanto, é realizada em casa com a ajuda dos responsáveis.

A INFLUÊNCIA DA CULTURA FAMILIAR NO ESPAÇO ESCOLAR

Para que o discente apresente um bom desempenho, é importante que ele esteja inserido em um espaço estável e confortável. Quando a criança lida com um lar mal estruturado – resultante de questões econômicas ou sociais conflitantes – este favorece um mau desempenho no aprendizado.

É importante salientar que esse lugar de aprendizagem abrange pessoas de diferentes culturas, crenças e costumes. É nele que acontecem nossas primeiras trocas sociais – além da família –, onde nossas experiências primárias são compartilhadas e produzem as secundárias. Ali se reflete a educação doméstica, trazida de casa, constituída de práticas comportamentais e convencionais, como vem a ser um simples “com licença”.

O ambiente familiar é um espaço sociocultural cotidiano e histórico no processo de socialização. Relacionando-se com as instituições de ensino, ambas se tornam berço de atitudes, bem como auxiliam no desenvolvimento societário, pois são essas instituições que partem os sujeitos sociais que farão intervenções na realidade onde estarão inseridos. Sendo assim, entendemos que uma relação escola-família, desenvolvida de maneira responsável e comprometida com o caminhar da sociedade, é crucial para o avanço da educação de um país.

A escola tem função complementar na vida do indivíduo. Dessa forma, é essencial que a instituição de ensino e a familiar sejam parceiras. Quando o sujeito está inserido no ambiente escolar, deve ser fornecido a ele uma educação formal, ou seja, firmada numa Base Nacional

Comum Curricular (BNCC). Mas, a escola como agente de socialização, também deve auxiliar a família na formação cognitiva, afetiva e social da criança.

RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: UM LAÇO PERMANENTE

As ações desenvolvidas pelos sujeitos sociais, direcionadas à vida social, sob a influência do evento da modernidade europeia, determinaram formas de compreensão do mundo e da organização institucional no âmbito das sociabilidades. Ao que interessa para nossa reflexão, vemos que a contribuição de Weber (2013) nesse aspecto é bastante elucidativa para observar as relações no universo escolar. Em seus estudos, o autor nos apresenta o conceito de ação e ação social. A ação é toda conduta humana que possui significado subjetivo para quem a executa e a orienta. Quando essa conduta é motivada pela ação do outro, esta passa a ser uma ação social. Para melhor compreender esse quadro, o sociólogo alemão construiu metodologicamente tipos ideais de ações racionais (conforme a construção e interesses da lógica do mundo ocidental) que movem e constituem as relações entre os agentes sociais. Em sua sistematização, ele aponta quatro ações sociais que idealmente sintetizaram todas as outras na sociedade: a fins, a valores, afetivas e tradicionais. Aplicando-as dentro do ambiente escolar, estas contribuem para compreensão do desenvolvimento das relações educacionais e evidenciar planejamentos de atividades.

Para que exista um bom aproveitamento do processo educativo, é interessante que ambos os sujeitos sociais envolvidos na produção do conhecimento, tenham uma boa convivência e objetivos parecidos. A relação social no sentido weberiano (compartilhamento de ações sociais) entre responsáveis familiares, professores e estudantes tem como base, principalmente, as ações a fins, afetivas e tradicionais. Isso porque, geralmente, ambas possuem objetivos e sentimentos semelhantes em conformidade uns com os outros, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem.

Essas, além de serem ações sociais em que o comportamento desses protagonistas se baseia em hábitos passados, valores em transformação e interesses imediatos, contribui para que a relação entre discentes e docentes ultrapasse o tempo de escola/faculdade e de fato, se torne um laço permanente. Sob essa perspectiva, educadores deveriam despertar habilidades que pudessem ir além dos componentes curriculares. Por isso, uma relação tendo em conta esses elementos é decisiva.

O corpo docente é o principal responsável pelo ensino-aprendizagem do estudante na escola. A relação entre este grupo e discentes, deve ser de confiança, afeto, empatia e consequentemente, de respeito à alteridade, fatores de grande importância para uma boa

comunicação entre seus integrantes. Esse último fator, em especial, deve ser levado em consideração pelos professores no processo da aprendizagem, haja vista a grande diversidade existente de famílias, costumes, dificuldades, facilidades e subjetividades coexistindo.

A abordagem metodológica empregada e a confiança na transmissão do conhecimento contribuem positivamente em suas vidas como um fator motivador, coadjuvando na edificação de uma relação mais estreita e aproximada entre o professor e o estudante. Contudo, é imperativo que, apesar do vínculo estabelecido, haja limites nessa relação, a fim de evitar que o aluno explore a situação e adote comportamentos que possam comprometer a autoridade do docente no contexto escolar.

Sendo assim, na ausência do apoio familiar, o docente acaba por exercer um papel crucial na vida do estudante. A falta de apoio de ambos ou somente de um responsável pode ocorrer por divórcio ou mesmo pela falta de disponibilidade e interesse dos genitores. Nesses casos, é comum que outro familiar assuma o papel de incentivador e por vezes, o próprio professor. Esse panorama acaba por revelar que não podemos nos limitar apenas ao modelo de família tradicional, mas sim a alternativas mais amplas.

METODOLOGIA

Para esse trabalho, desenvolvido no curso de graduação em Ciências Sociais durante a disciplina de Introdução à Sociologia em 2022, pretendia-se conhecer o universo escolar: investigar em sua realidade como ocorre a relação social escolar, para visualizar os processos educacionais e confrontar com eles a hipótese de que não especificamente a família, mas sim personagens responsáveis pela formação educacional, são aqueles que garantem um melhor desempenho dos estudantes.

Para entender esses objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo em duas instituições, uma pública e outra privada. No total, contamos com a participação de 17 (dezessete) pessoas: três docentes de cada perfil escolar, cinco discentes da escola pública e seis da escola privada. Todos responderam os questionamentos que surgiram no início e durante a realização da pesquisa. Mesmo reconhecendo ser reduzida a amostra, nela buscamos preferencialmente, obter retornos qualitativos das experiências e anseios dentro desse aspecto levantado, do que uma resposta visando soluções para um problema, que sabemos, pressupõe um leque bastante abrangente de fatores conjugados para atender satisfatoriamente suas demandas.

Ao realizá-la, buscamos entender o olhar dos discentes acerca do apoio e da participação familiar necessários na formação escolar e suas perspectivas de mudanças nesse espaço visando

a educação. Procuramos compreender esta situação também na perspectiva do docente: sobre como observam a participação da família na educação dos filhos e no ambiente escolar.

Entendemos que não é apenas a participação familiar que influencia em um bom desempenho escolar. A instituição de ensino deve promover momentos e estrutura que motivem os estudantes a permanecerem e continuarem no ambiente da escola para os estudos e socialização. Além disso, uma boa relação entre docente e discente, pode contribuir para a apresentação de um bom rendimento escolar. Razão pela qual levantamos essas questões igualmente durante a pesquisa com professores e estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa nas escolas pública e privada, observamos que os estudantes manifestaram nas conversas, diante dos questionamentos, uma ausência dos responsáveis para acompanhar o desenvolvimento de seus estudos, junto à escola. Vários foram os fatores citados. Cabe esclarecer que, por uma questão de privacidade, optamos por não apresentar os nomes das pessoas entrevistadas. Dentre eles, na escola pública: a falta de tempo de seus responsáveis sob o argumento do extenso trabalho diário ou até mesmo a dificuldade de locomoção de idosos incumbidos de lhes acompanhar. Já na escola privada, a maioria dos alunos afirmou ter uma família participativa, mas era notável um certo desconforto deles ao falar sobre o assunto.

Comparando os estudantes da rede de ensino pública e privada, percebeu-se que esses últimos possuem maior apoio em três aspectos que amparam o processo do aprendizado: afetivo, pedagógico e técnico. A falta de apoio dos responsáveis nesses termos não ocorre simplesmente por desinteresse. A dificuldade no aspecto pedagógico, por exemplo, resulta principalmente, pelo fato de que muitos dos responsáveis não concluíram seus estudos por razões pessoais e sociais quando mais jovens. Ainda nesses aspectos, nota-se que durante a pandemia não foi diferente. Os alunos do ensino privado que possuíam maior apoio técnico, alegaram ter se dedicado mais aos estudos. Já os do ensino público, alegaram nem estudar, conscientes do prejuízo que essa ação causaria, muitas vezes pela dificuldade de acesso às ferramentas tecnológicas digitais.

Além disso, a estreita vinculação entre os educadores e os alunos constitui um elemento de suma importância para a obtenção de um bom rendimento escolar. Em ambas as instituições educacionais, os discentes afirmaram manifestar um maior índice de participação nas disciplinas que estabelecem algum grau de proximidade com os docentes, enquanto, por outro lado, na ausência de tal conexão, emerge uma sensação de obstáculo que dificulta sua capacidade de concentração durante o período de aula.

Igualmente, foi observado que uma parcela significativa dos estudantes fundamenta suas escolhas profissionais nas influências advindas dos educadores, ainda que as carreiras eleitas pelos estudantes não se alinhem exatamente ao ensino. As decisões são moldadas pelas esferas de conhecimento que os professores ministram, desenvolvendo, por conseguinte, uma relação marcante com esses docentes.

A colaboração dos membros familiares desempenha um papel fundamental no processo educacional; contudo, verifica-se um decréscimo na intensidade da participação à medida que os filhos e filhas amadurecem. Esse fenômeno deriva, em parte, da tradição que atribui à instituição educacional, notadamente ao professor, a responsabilidade preponderante pelo acompanhamento, cobrança dos estudos e execução das atividades, relegando o envolvimento familiar.

Em ambas as escolas, foi relatado por parte de docentes haver baixa participação dos responsáveis e que poucos estão presentes. Mas essa questão não está relacionada somente à falta de interesse. Está ligada a diversos fatores - entre eles, pais que precisam trabalhar durante todo o dia ou que querem maior autonomia dos filhos para lidar com os problemas. Além disso, a coordenadora do ensino médio da escola particular fez uma importante observação: ao chegar nos três anos que antecedem à universidade, muitos familiares passam a responsabilidade para os filhos e filhas, de tal forma que estes precisam se tornar independentes nos estudos e ir atrás de mecanismos que possam ajudar.

A participação familiar, na visão dos docentes de ambas as escolas, influencia no desempenho escolar. Existe uma cobrança e principalmente, apoio, fundamental para que o aluno tenha a segurança de estar no caminho certo e sinta-se motivado a continuar, acreditando em si mesmo. Além disso, quando existe essa participação, não só com o aluno, mas com a instituição escolar, se torna mais fácil entender as principais dificuldades e visualizar quais os melhores métodos para lidar com elas para desenvolver uma organização para a rotina de estudos.

Um importante método para entender os problemas, dificuldades e facilidades dos alunos é o conselho de classe. Na instituição privada, o conselho de classe é diferente da pública – questão levantada pela coordenadora, mas que não houve explicação por parte das docentes do ensino público –, constituída por diversos conselhos, entre eles o de classe e pais. Contudo, a adesão dos pais ao conselho é baixa, e poucos demonstram interesse nas questões da escola de seus filhos. O conselho oferece a oportunidade de desenvolver propostas e melhorias, e os pais participantes têm a responsabilidade de compartilhar as discussões com os demais.

Ao perguntarmos sobre a estrutura familiar, a maioria das respostas foram afirmativas em relação à diversidade. Enquanto duas pessoas afirmaram existir uma diversidade na estrutura, uma das docentes afirmou ser uma estrutura padrão, constituída por pai, mãe e criança. Além disso, foi perceptível um tom de desconforto quando tentamos levantar outras questões sobre a estrutura familiar à coordenação.

É nítida a importância da relação entre discente e docente, independente da participação ou não da instituição familiar. É preciso compreender que assim como a família, os educadores estão pensando no futuro dos seus alunos, desconstruindo a ideia de que o professor é uma figura intocável, que nunca comete erros e não se pode criar laços. É a partir desse elo que o professor conseguirá entender melhor os problemas e facilidades dos seus alunos. Além disso, é preciso enxergar o professor como um ser humano, que como qualquer outro, passa por problemas pessoais e profissionais, entretanto se dispõe a fazer um trabalho ético junto aos alunos, estabelecendo limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a condução da pesquisa, constatou-se que os docentes são percebidos como figuras de notória relevância na vida dos alunos, exercendo frequentemente influência sobre comportamentos e escolhas que transcendem o ambiente da sala de aula e, em certas instâncias, orientam trajetórias de longo prazo, como a escolha profissional. Por meio de seus depoimentos, emergiu a percepção de que eles não apenas instruem, mas também moldam uma escola.

Nesse contexto, os jovens assumem um papel central na atenção de quem se dedica ao processo de aprendizagem, compreendendo que uma verdadeira educação só se concretiza quando há uma humanização genuína e crítica frente à dinâmica social vigente. Isso contribui para que a ação social afetiva de Weber, seja desenvolvida dentro do ambiente escolar, tendo em vista que a sua motivação é determinada racionalmente por emoção e afetos, nesse caso, com significados determinados pelo respeito e confiança. Além disso, a humanização se torna importante para que os professores entendam que os discentes são seres únicos, porém com experiências e meios sociais diversos, necessitando, portanto, de atividades que abranjam as diferentes realidades.

Se a educação tem por função a socialização da criança no meio social em que está ambientada, como é proposto por Durkheim, é importante ressaltar que a prática educacional de tornar os indivíduos seres sociais não deve ser responsabilidade somente da instituição de ensino. Foi possível reconhecer na pesquisa, a importância de uma educação que possua o apoio

e a presença da família ou responsáveis, que gerem confiança para a escola e principalmente, para os discentes ao visualizarem a parceria desses agentes na sua formação na sociedade.

Como vimos, considerando a mutabilidade dos fatos sociais e a influência determinante da coletividade na visão durkheimiana, podemos notar o quão importante é o acompanhamento de pessoas que representem esse papel coletivo de atenção a educandas e educandos na sociedade, ainda que esta corra riscos de medidas sob conservadorismo moral ou demasiada coerção. Pelo contrário, acreditamos que de maneira participativa entre comunidade e escola, a reflexão aqui apresentada, motive a uma dedicação tutorial consciente e afetuosa que garanta a permanência dos estudantes no universo escolar para o prosseguimento dos estudos.

Assim, compreendemos que a educação transcende a visão de Durkheim ao destacar que vai além da imposição da autoridade dos adultos sobre as novas gerações. Ela constitui um poderoso agente de socialização, frequentemente recorrendo a estratégias para compensar a falta de apoio familiar, desafiando a concepção estática de que a transmissão de conhecimento e valores é apenas um processo unidirecional. A educação, portanto, emerge como um espaço dinâmico de interação e aprendizado mútuo. A família sozinha não é capaz de realizar integralmente a socialização. Nessa perspectiva, entende-se que família e escola desempenham funções complementares fundamentais para o desenvolvimento humano, fornecendo diferentes contextos e oportunidades de aprendizado que se entrelaçam.

REFERÊNCIAS

- BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: **HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL**. 4ª ed. São Paulo: editora Swarcz LTDA, 2006. Cap.6, p.411-438.
- BETTEGA, Frei Jaime. *Frei Jaime: família não é questão de sangue, mas de quem quer segurar sua mão quando você mais precisa*. **Pioneiro**, 2017.
- BHERING, E.; SIRAJ-BLATCHFORD, I. *A relação Escola-pais: um modelo de trocas e colaboração*. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 106, p. 192-216, mar. 1999.
- BREVES, Beatriz. *Muito além do laço de sangue: família sob a ótica dos sentimentos*. **A redação**, 2022.
- CAETANO, Luciana M. *Relação escola e família: uma proposta de parceria*. **Intellectus**, São Paulo, p.2-6.

- CAVALCANTE, R. S. C. *Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998.
- DESSEN, M. A.; POLONIA A. da C. *A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Scielo*, Brasília: v17, n.36. p.21-36, 2007.
- DURKHEIM, Émile. **Essencial Sociologia: organização e introdução de André Botelho**. 1ª edição. São Paulo: Penguin Companhia Das Letras, 2013.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- EPSTEIN, J. L. *School, family, and Community Partnerships: preparing educators and improving schools. Johns Hopkins University: Westview Press*, 2011.
- KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. 1ª edição, 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- KOUTROUBA, K. et al. *Na investigation of greek teachers' views on Parental Involvement in Education. School Psychology International*, v. 30, n. 3, p. 311-328, jun. 2009.
- POLONIA, A. da C.; DESSEN, M. A. *Em busca de uma compreensão das Relações entre Família e Escola. Psicologia Escolar e Educacional*, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.
- SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 7. Ed- Petrópolis, Rj: Vozes, 2015.
- Revista UniFreire – Universitas Freire. Ano 2 | edição 2 | dez 2014 - ISSN 2357 -7266
- VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A CASA E OS SEUS MESTRES: A educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de oitocentos**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Que Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 276. 2004.
- VILA, I. **Família y escuela: dos contextos y um solo niño**. In.: ALFONSO, C. et al. *La participación de los padres y madres em la escuela*. Barcelona: Editorial GRÀO, 2003. P. 27-38.
- WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais: ação social e relação social**, [S.l.], p. 139-144.
- WEBER, Max. **Essencial Sociologia: organização e introdução de André Botelho**. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.